



Teatro e Educação Geográfica: perspectivas para a prática docente

Rafael Felipe Ferreira¹

Fábio Tadeu de Macedo Santana²

Resumo

O exercício do magistério tornou-se um desafio em suas múltiplas dimensões, sociais, políticas, econômicas e humanas. Diante destas situações ergue-se uma questão pedagógica de profundos debates acadêmicos. Como ensinar e formar cidadãos críticos e autônomos para um mundo em constante transformação? Neste estudo se propõe analisar os desafios do professor de Geografia em sua prática pedagógica, enfrentando problemas de diferentes ordens e essencialmente, apresentar a Teatralização do Ensino de Geografia – TEG como uma proposta de metodologia de ensino, como uma das muitas possibilidades do encontro entre Geografia e Arte pela prática teatral. Uma prática pedagógica dinâmica e libertadora, na qual o processo de aprendizagem-ensino, conceito defendido por Oliveira (2013), seja construído de forma conjunta e colaborativa entre professor-orientador e alunos-atores. Uma prática que estimule o aluno a desenvolver de forma protagonista um raciocínio geográfico, uma consciência crítica e ativa ante as questões transversais que se descortinam diariamente em seu cotidiano.

Palavras-chave: educação geográfica; representação espacial; teatro e ensino.

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. rafael.ferreira@cambauba.org.br

² Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. píofofabioteadu@gmail.com

THEATER AND GEOGRAPHIC EDUCATION: PERSPECTIVES FOR TEACHING PRACTICE

Abstract.

Teaching has become a challenge in its multiple dimensions, social, political, economic and human. Faced with these situations, a pedagogical question arises for profound academic debates. How to teach and train critical and autonomous citizens for a world in constant transformation? This study proposes to analyze the challenges of the Geography teacher in his pedagogical practice, facing problems of different orders and essentially, to present the Theatricalization of Geography Teaching – TEG as a teaching methodology proposal, as one of the many possibilities of the encounter between Geography and Art through theatrical practice. A dynamic and liberating pedagogical practice, in which the learning-teaching process, a concept defended by Oliveira (2013), is constructed jointly and collaboratively between teacher- advisor and student-actors. A practice that encourages the student to develop geographical reasoning, a critical and active awareness in the face of transversal issues that arise daily in their daily lives

Keywords: geographical education 1; spatial representation 2; theater and teaching 3.

TEATRO Y EDUCACIÓN GEOGRÁFICA: PERSPECTIVAS PARA LA PRÁCTICA DOCENTE

Resumen.

La docencia se ha convertido en un desafío en sus múltiples dimensiones, social, política, económica y humana. Frente a estas situaciones, surge una cuestión pedagógica para profundos debates académicos. ¿Cómo enseñar y formar ciudadanos críticos y autónomos para un mundo en constante transformación? Este estudio se propone analizar los desafíos del docente de Geografía en su práctica pedagógica, enfrentando problemas de diferente orden y esencialmente, presentar la Teatralización de la Enseñanza de la Geografía – TEG como una propuesta metodológica de enseñanza, como una de las tantas posibilidades del encuentro entre la Geografía. y Arte a través de la práctica teatral. Una práctica pedagógica dinámica y liberadora, en la que el proceso de enseñanza-aprendizaje, concepto defendido por Oliveira (2013), se construye de manera conjunta y colaborativa entre docente-orientador y estudiantes- actores. Una práctica que incentiva al estudiante a desarrollar el razonamiento geográfico, una conciencia crítica y activa ante las cuestiones transversales que surgen diariamente en su vida diaria

Palabras clave: educación geográfica 1; representación espacial 2; teatro y enseñanza 3.

Prática docente: desafios e perspectivas à luz da teatralização do ensino.

O ensino de Geografia é antes de tudo um ato desafiador, de coragem. A construção do conhecimento de Geografia em sala de aula enfrenta desafios motivadores tanto aos professores quanto aos educandos. Vivemos imersos num mundo multiconectado com inúmeros apelos audiovisuais - dos aparelhos celulares às telas de computadores, das mensagens instantâneas aos vídeos curtos, da veiculação de informações superficiais às pós-verdades ou *fakenews* como se popularizou a disseminação de informações falsas.

Num mundo de intensas transformações políticas, culturais, econômicas e sociais classificado por Harvey (1989) como pós-modernidade que segundo o autor tem um alcance muito além de uma mudança no estatuto de produção cultural, mas uma transformação no modo de vida, com a generalização de novas práticas, experiências e formas de vida. Essas mudanças no modo de vida e nas relações sociais se reproduzem no espaço, do Global ao local, em maior ou menor grau, variando de acordo com a integração das diferentes sociedades ao modelo político-econômico vigente, ao redor da Terra. As novas formas sociais de interação foram discutidas e definidas por Bauman (1989) como uma nova época em que **as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis**, como os líquidos. Enfim, são relações cada vez mais fluidas, efêmeras e são construídas em transitoriedades cada vez mais intensas.

É no cenário descrito acima que professores se veem desafiados em suas práticas pedagógicas a construir de forma conjunta com educandos o raciocínio geográfico. A abordagem sociointeracionista proposta por Vygotsky (2009) tem se mostrado de extremo valor e fundamental no processo de aprendizagem-ensino. O autor entende que há uma relação de interdependência entre o desenvolvimento do indivíduo e seus processos de aprendizagem, tendo na aprendizagem um importante elemento mediador da relação do homem com o mundo, interferindo no desenvolvimento humano.

Todavia uma nova realidade se descortina quanto às formas de se comunicar, ensinar, aprender, de ocupar seu lugar no mundo. A escola

enquanto recorte da sociedade, materializa e concentra as relações sociais em profunda e incessante transformação. Em nossa sociedade a faixa etária que mais molda e concomitantemente mais se molda às transformações sociais é a infanto-juvenil, objeto de estudo do trabalho em questão. Essa nova geração de jovens digitais foi classificada por Rech *et al* (2015) como Geração Z, com múltiplos olhares para os processos nos quais estão inseridos. Jovens que se mostram cada vez menos interessados nas práticas pedagógicas tradicionais e desestimulados no processo de aprendizagem-ensino padrão. A questão central desta dissertação é uma direta e provocativa indagação: **como ensinar Geografia e possibilitar ao aluno um ensino estimulante e desafiador?** Como estimular o jovem em sala de aula a aprender, questionar, criticar, analisar e antes de tudo ser protagonista no seu processo de construção do raciocínio geográfico e no próprio palco da vida? Num mundo tão dinâmico e intenso em seus processos e nas relações interpessoais com suas práticas e saberes, erguem-se desafios para o ensino de Geografia. Essa ciência que tem como essência estudar a relação entre sociedade e a produção do espaço, dando subsídios a uma melhor compreensão desse espaço geográfico, de suas redes e conexões em diferentes escalas. Essencialmente da integração e consciência das pessoas com o lugar que ocupam no espaço. Neste estudo dialoga-se francamente com Gomes (2017) quando o autor, de forma sintética, entende que Geografia é uma forma de pensar. Ecoa-se a necessidade de novas metodologias de ensino que transformem o ato de aprender num processo constante de protagonismo e participação ativa na construção do conhecimento. Callai (2013) entende que o desafio é dar conta de realizar um ensino que seja dinâmico, que aprenda o movimento e a capacidade de transformação contínua dos espaços que estudamos. **Neste estudo propõe-se a teatralização do ensino de Geografia – TEG como uma condição possível de aprendizagem- ensino capaz de estimular e desafiar jovens na construção do raciocínio geográfico.** Um ensino de Geografia experimental baseado na aproximação entre a Geografia e Arte, através do teatro com toda sua capacidade de comunicação. Essa proposta metodológica se desdobra em dois questionamentos norteadores para este artigo:

1º. Qual é a importância da teatralização do ensino da Geografia na educação básica e quais são os benefícios que essa metodologia traz para o desenvolvimento dos estudantes?

2º. De que forma a teatralização do ensino de Geografia contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes em contextos educacionais no ensino básico?

Neste artigo essas questões são discutidas sob a óptica da educação geográfica amalgamada à vivência e percepção dos alunos que participaram ativamente da metodologia TEG ao longo de dez anos de prática docente. Foram representações teatrais baseadas em temas transversais que suscitaram questionamentos, debates e aprofundamentos epistemológicos construídos de forma coletiva e participativa culminando em apresentações teatrais. A Teatralização do Ensino de Geografia TEG desafia os alunos a trabalharem em equipe e construir o raciocínio geográfico em diversas etapas, desde a pesquisa bibliográfica, musical, iconográfica passando pela montagem dos textos, cenários e figurinos. A sala de aula é transformada em teatro, lugar onde se vê e onde os alunos constroem e ampliam seu raciocínio geográfico através da internalização e representação (externalização) de conceitos geográficos e análises sobre o tema abordado.

A educação geográfica tem como escopo possibilitar ao educando o desenvolvimento de seu raciocínio geográfico, sendo o pensamento espacial, através da compreensão da espacialidade dos fenômenos geográficos um dos procedimentos para esse desenvolvimento. O conceito de pensamento espacial foi difundido pelo relatório do Conselho Nacional de Pesquisa dos EUA, de que o “pensamento espacial - uma forma de pensar - é baseado em um amálgama construtivo de três elementos: conceitos de espaço, ferramentas de representação e processos de raciocínio” (NRC, 2006, p. ix *apud* Castellar *et al*, 2022).

A linguagem cartográfica, através das representações espaciais possibilita ao aluno identificar e conectar processos e fixos espacializados em diferentes escalas. A construção do raciocínio geográfico conduz o aluno a entender o lugar que ocupa e a relação desse lugar com outros lugares dentro

do espaço geográfico mundial, identificando padrões e processos. Ao analisar a conexão e diferenciação entre espaços fisicamente distantes, mas conectados por fluxos materiais e imateriais, o aluno passa a desenvolver uma criticidade sobre onde as coisas estão e principalmente se questiona o por que as coisas estão onde estão? Por que os espaços são diferenciados? Quais são as causas históricas dos processos de desigualdade e exclusão sociais? Existe um padrão na espacialidade dos fenômenos geográficos? Essas indagações são questões norteadoras ao desenvolvimento de um raciocínio geográfico. Essas indagações serão respondidas à luz dos conceitos da Geografia, com suas representações através do pensamento espacial dos fenômenos geográficos. Esse pensamento é compartilhado por Marques (2022) quando o autor entende que a discussão sobre conceito de raciocínio geográfico deve ser realizada à luz da Geografia, em suas raízes ou implicações epistemológicas e metodológicas, por exemplo, é um caminho importante. Dialoga-se neste estudo com os trabalhos de Castellar (2019); Duarte & Castellar (2022); Gomes (2017) e Cavalcanti (2006). A definição de raciocínio geográfico é defendida por Duarte & Castellar (2022) como um sistema de pensamento articulado aos conceitos e princípios da Ciência Geográfica em conexão com a capacidade de pensar espacialmente, apoiado na linguagem cartográfica.

Com a proposta de utilizar a teatralização do ensino de Geografia em suas múltiplas dimensões como metodologia de ensino, baseada em experiências já realizadas almejou-se dispor de uma prática pedagógica calcada no protagonismo do aluno, em sua crescente autonomia e no desenvolvimento de consciência sobre o espaço à sua volta e essencialmente sobre o lugar que ocupam nesse espaço. Tornando alunos-espectadores em alunos-atores críticos e ativos na tomada de decisão, na proatividade e na análise de um mundo em constante transformação.

A arte de dramatizar é antes de tudo uma arma de libertação das amarras político-ideológicas as quais são submetidas as sociedades. A metodologia do teatro como ferramenta de desalienação é definida por Boal (2011) como uma arma de liberação sendo para o autor de extrema

necessidade a criação de formas teatrais correspondentes. Nessa prática mútua de aprendizagem e ensino, professor e alunos ensinam enquanto aprendem, e aprendem enquanto ensinam, num processo contínuo e inexorável de construção de um raciocínio geográfico. Freire (1970; 1996) afirma que não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Dessa forma nesse estudo se defende a ideia de um processo de aprendizagem-ensino feito de forma coletiva e colaborativa entre discentes e docente.

Através da dinâmica teatral é possível desvendarmos conteúdos geográficos, político-econômicos, sociais entre outros de forma intensa baseado em princípios pedagógicos que objetivam um processo educacional específico. Spolin (2010) defende que o jogo teatral é estruturado através de uma intervenção pedagógica na qual professor e aluno-ator se tornam parceiros de uma educação geográfica e artística.

Objetivos

Desenvolver uma metodologia de ensino em Geografia baseada na teatralização, onde alunos-atores sejam protagonistas de seus próprios processos de aprendizagem-ensino. Se valendo do teatro como prática pedagógica, o projeto visa estabelecer uma relação entre a construção do raciocínio geográfico e a participação ativa dos alunos num processo mútuo de aprendizagem-ensino entre alunos-atores e professor-orientador. Dessa forma, esta proposta metodológica visa desvendar conteúdos geográficos, político-econômicos, sociais entre outros de forma dinâmica através da prática teatral.

Metodologia e operacionalização da Teatralização do Ensino de Geografia

– TEG

A TEG com proposta metodológica de ensino em Geografia se constitui em um projeto de múltiplas etapas didático-pedagógicas. Desde o tema

norteador que pode ser discutido em grupo, entre professor e alunos como pode ocorrer o desdobramento do projeto pedagógico na escola, como no caso dos projetos “*Expos*” apresentados neste estudo. De toda sorte a partir de um tema norteador, estudado e discutido por todo o grupo, se elegem subtemas que serão divididos pelos alunos em subgrupos. Ressalta-se que o tema norteador exige um estudo e aprofundamento entre todo o grupo de forma coletiva. A construção do raciocínio geográfico ocorre à medida que as leituras são seguidas de debates e discussões entre professor e alunos. Com a divisão em subgrupos os temas são aprofundados e então nos próximos encontros os grupos se apresentam com o arcabouço teórico estudado desde o último encontro. O período entre os encontros é relativo à fase do projeto, todavia durante a fase de levantamento bibliográfico ocorre normalmente a cada período de quinze dias. Esses encontros podem ocorrer de forma presencial ou remota via aplicativos.

Na etapa seguinte, após a consolidação do aprofundamento teórico do tema norteador e dos subtemas inicia-se a elaboração dos textos de apresentação, uma vez que todo o conteúdo tem que ser adaptado para uma linguagem teatral. Vale ressaltar que aqui também se define todo o conteúdo musical que dará sustentação às cenas. Todas estas etapas estão evidenciadas na tabela 1.

Com os textos e com a programação musical definida o grupo de forma coletiva e colaborativa vai se dividir entre as diversas funções que existem em uma apresentação teatral mesmo quando ela ocorre em uma sala de aula. As principais funções definidas para a TEG são: atores com fala, figurantes (atores que não terão fala, mas contracenarão), músicos (alunos que tocam algum instrumento) e alunos que cantam, figurinistas, desenhistas, pintores, contrarregras, responsáveis pelos recursos audiovisuais (Datashow, caixa de som, cabos, aplicativos e demais artefatos digitais), maquiadores, assistentes do professor que nesse formato desempenha uma função de “diretor teatral”. Vale enfatizar que todos participam executando mais de uma função e que são estimulados a desafiar seus limites, suas crenças limitantes e a partir dessa tomada de decisão constroem de forma protagonista o conhecimento

geográfico. O trabalho em equipe de TEG desenvolve o aluno em suas múltiplas relações como liderança, trabalho coletivo e colaborativo além de ampliar as dimensões intelectuais, sociais, físicas, comunicacionais dentre outras. A TEG

Tabela 1
Cronograma das etapas metodológicas da TEG

Etapas	Sem 2 – 3	Sem 3 – 4 e Sem 1	Sem 4 – 5	Sem 5 – 6	Sem 6 – 7	Sem 7 – 10
Definição do tema norteador						
Levantamento Bibliográfico						
Discussões e debates coletivos						
Divisão do grupo em subgrupos e subtemas						
Aprofundamento da bibliografia dos Subtemas						
Discussão coletivas dos subtemas (cada subgrupo apresenta o estudo e todo o grupo constrói o conhecimento de forma coletiva)						
Preparação dos textos de Apresentação						
Definição em grupo do arcabouço Musical (neste encontro se define, mas a pesquisa musical ocorre desde o início)						
Definição e preparação do cenário						
Definição e teste dos personagens e demais funções						
Ensaaios						
Reuniões para discussões sobre alterações e aperfeiçoamentos						
Dinâmica de inteligência emocional						
Apresentação Teatral						
Atividade de entretenimento*. (Reunião-sociocultural)						
Avaliação do projeto & feedback*.						

Fonte: Elaborado pelos autores

*Essas atividades ocorrem após a culminância do projeto, isto é, nos dias subsequentes à apresentação. Enquanto a atividade de entretenimento visa exclusivamente a celebração e descontração do grupo, a reunião de avaliação

e *feedback* tem como objetivos apontar os pontos positivos e os que precisam de melhor desenvolvimento. A avaliação final feita de forma coletiva além de realizar o fechamento de todo um trabalho, constrói as mudanças necessárias que serão fundamentais na realização de futuros projetos. Por ocasião desse encontro os alunos conseguem fazer uma comparação reveladora entre o início do projeto e sua culminância. Apontam suas próprias transformações e de forma coletiva e espontânea apresentam os desafios internos superados no decorrer do trabalho.

A teatralização do ensino da Geografia pela percepção e vivência dos alunos

Este artigo dialoga com a metodologia da TEG, relacionando-a à percepção dos alunos através de pesquisa qualitativa e exploratória baseada em questões elaboradas para se compreender o alcance pedagógico do projeto pela óptica dos alunos. O conceito de lugar foi fundamental para que pudesse ser criada uma relação entre o cotidiano dos alunos e o espaço geográfico em suas múltiplas dimensões. A partir da construção epistemológica de lugar se criam as bases necessárias para o entendimento do espaço e do lugar que ocupamos no espaço (mundo). Através da Teatralização do Ensino de Geografia – TEG criam-se possibilidades didáticas para se compreender o lugar no qual estamos e de qual forma nos relacionamos com outros lugares. Ressalta-se que a prática teatral é um projeto coletivo e colaborativo que exige dos alunos uma necessidade de ajuda mútua e de ações coordenadas para a concretização de uma apresentação teatral. A importância da TEG bem como seu alcance em múltiplas dimensões foi descrita pela aluna A.C.

A participação no projeto de dramatização (TEG) foi impactante, visto que envolveu a ampliação dos conhecimentos na disciplina de geografia, mas também foi capaz de reforçar a necessidade da construção do pensamento crítico diante da conjuntura brasileira. Além disso, as trocas entre a turma, a necessidade de lidar com imprevistos, a introdução da arte em nosso cotidiano, dentre muitos

outros acontecimentos, certamente revelou talentos que talvez não fossem descobertos se mantido o ensino tradicional.

A construção do lugar pela perspectiva do sagrado se torna emblemática na prática ritualística das religiões de matriz afro-brasileira, sintetizando aqui nas duas maiores, Candomblé e Umbanda. No projeto intitulado *Intolerância Religiosa: a ferrugem que corrói a alma* (figura 1) os alunos desenvolveram seus processos de aprendizagem-ensino sobre lugar à luz da religiosidade. A imersão no universo transcendental da Umbanda, uma religião ritualística, conduziu os alunos a reflexões e discussões sobre um ambiente sagrado sob a égide da religião, todavia corriqueiro na prática social.

Figura 1
Saudação à Exú



Fonte: elaborado pelos autores

Vale ressaltar que a totalidade dos alunos não era praticante de Umbanda e muitos sequer conheciam a religião, trazendo em suas percepções/concepções apenas os preconceitos enraizados na sociedade brasileira. um relato bem elucidativo sobre este aspecto é trazido pela aluna M.C.

Como católica, no início foi um trabalho difícil interpretar a mãe de santo, mas aprendi muito com ela, com todo o cenário, o sofrimento dos fiéis com a barbaridade sofrida e no final, todos estamos unidos em um só propósito.

Considerações finais

Ficou evidenciado que o produto Teatralização do Ensino de Geografia - TEG pode ser aplicado na educação em seus diferentes segmentos, todavia nesse projeto é proposto sua utilização nos anos finais do ensino básico (6º ao 9º) e no ensino médio (1º ao 3º). A TEG foi de grande importância para a construção do raciocínio geográfico, uma vez que de forma dinâmica, criativa e coletiva trouxe o aluno para o centro do processo de aprendizagem-ensino. Ao utilizar formas verbais e não verbais de comunicação a metodologia da TEG possibilitou diálogo entre a ciência geográfica e a arte em suas múltiplas formas. Faz-se necessário enaltecer que a profundidade do tema abordado bem como a autonomia dos processos realizados na execução do projeto são diretamente proporcionais ao desenvolvimento intelectual do aluno. Sendo assim, ainda que a TEG como produto atenda a todos os níveis educacionais há de se apropriar e de mediar os alunos com maior ou menor grau de acordo com suas autonomias. Tendo como recorte alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio é fundamental que o professor proponha projetos factíveis em congruência com a faixa etária e escolar. Na prática os alunos dos anos iniciais possuem menos autonomia na elaboração de cenários e textos, mas essencialmente trabalham em grupos construindo o conhecimento geográfico,

desafiando seus limites, desenvolvendo suas habilidades e rompendo com amarras político-ideológicas que os tornam menos plenos em suas potencialidades.

Todavia a TEG quando desenvolvida nos anos iniciais do Ensino Fundamental II terá maior grau de ingerência do professor-orientador. Essa percepção do professor-orientador em relação à autonomia dos alunos é fundamental. Na prática docente entendemos que as turmas são diferentes e únicas e dentro dessa diversidade na unidade nos deparamos com questões desafiadoras. É corriqueiro na prática docente lecionar para turmas completamente dispares, ainda que sejam do mesmo ano e segmento em uma mesma unidade escolar. Nesses casos se faz necessário uma abordagem congruente com as características daquele grupo.

Ressalta-se aqui que a dinâmica teatral enquanto metodologia de ensino é uma quebra de paradigma no currículo escolar, ainda muito engessado em modelos de aula tradicionais, onde a exposição de conteúdos fica pautada no binômio emissor-receptor. Para as necessidades que se erguem num mundo tecnológico para uma geração cada vez mais virtual, a TEG se configura como uma condição possível e comprovada de metodologia de ensino que transfere o aluno de uma certa passividade, zona de conforto, para uma pró atividade que será uma promotora de mudanças tanto pedagógicas quanto pessoais.

A TEG se apresenta como uma possibilidade pedagógica transformadora e libertadora na construção do raciocínio geográfico dos alunos que de forma coletiva e colaborativa se tornaram protagonistas do processo de aprendizagem-ensino no qual estamos inseridos. O alcance dessa metodologia vai muito além do próprio processo pedagógico. Ao trabalhar em equipe assumindo o protagonismo do processo de aprendizagem-ensino, os alunos desenvolvem suas múltiplas habilidades, enfrentam desafios e mutuamente se ajudam nas dificuldades inerentes ao projeto que desenvolvem. A TEG possibilita ao aluno uma melhor resposta às questões pessoais que fazem parte de seu cotidiano, como expectativa, ansiedade, medo, capacidade de enfrentar questões imprevisíveis, liderança, autonomia dentre outras.

Fica então a perspectiva de que tenhamos maiores e mais democráticos espaços de discussão e construção do conhecimento geográfico por uma prática dinâmica que tem no aluno a base da revolução de ensino que precisamos para desvendarmos e nos conectarmos com um mundo fluido e para uma geração cada vez mais conectada ao mundo digital e menos conectada ao mundo delimitado por quatro paredes e um quadro branco. Que possamos compreender a escola como uma instituição inacabada, como inacabado somos todos. Que tenhamos mentes e corações abertos para novas formas de aprender e ensinar que possamos aprender com o processo docente aberto às mudanças que o tornam atemporal e único na formação dos seres humanos.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- BOAL, AUGUSTO. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.
- BOAL, AUGUSTO. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1982.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional de Geografia - o professor**. Editora Unijuí, 2013.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor de Geografia**. Signos Geográficos, Goiânia-GO, V.1, 2019.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; PEREIRA, Marcelo Garrido Pereira; De Paula, Igor R. **O pensamento espacial e raciocínio geográfico: Considerações teórico-metodológicas a partir da experiência brasileira**. Revista de Geografia Norte Grande, 81: 429-456, 2022.
- CAVASSINI, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica ponto revista científica / FAP. Curitiba, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. In: CASTELLAR, Sônia. (org). Educação Geográfica: teorias e práticas docentes. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, R. G. & VANZELLA CASTELLAR, S. M. Raciocínio geográfico, pensamento espacial e cartografia na educação geográfica brasileira. **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 17–24, 2022. DOI: 10.33025/grgcp2.v9i18.3833. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/GIRAMUNDO/article/view/3833>. Acesso em: 23 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, 23.^a edição.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **CURRÍCULO E PROCESSO DE APRENDIZAGEMENSINO: Políticaspráticas Educacionais Cotidianas**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Currículo sem fronteiras, RECH, Isabella Maria.; VIÊRA, Marivone Menuncin.; ANSCHAU, Cleusa Teresinha. **GERAÇÃO Z. Os nativos digitais**. Disponível em: <http://brasileconomico.ig.com.br/mundo/2015-02-13/geracao-z-os-nativos-digitais.html>. 2015. Acesso em: 13 de maio de 2022. v.13, n.3, p. 375-391, set/dez. 2013.

SPOLIN, VIOLA. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo. Perspectiva, 2010.

SOUZA, RUIDGLAN BARROS DE. **O Desafio da Cena: Estratégia Pedagógica para o Teatro na Escola. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**. 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.